

Na esquina sombria da Aurora

A Sinopse chega a sua segunda edição sem motivos para comemorações. Nesse número reforçamos nossa atenção preferencial ao cinema brasileiro e reunimos um conjunto de textos sobre seus aspectos de produção, distribuição e estética. O quadro sinóptico resultante só não é aterrador porque já há algum tempo as ilusões de “modernidade” e “renascimento” foram abolidas dos corações, mentes e jornais do país. Aliás, o texto de Jacob Coraza mostra em detalhe como a bebedeira eufórica do “Renascimento”, e a inevitável ressaca em que estamos agora metidos, foi regida pela subserviência de plantão da grande mídia, sempre atenta às oscilações de poder da corte.

Resta a lucidez amarga das ruínas, que faz com que possamos escutar aqueles que já durante a festa anunciavam o engodo. Já passa da hora de encararmos a dura realidade que Roberto Farias descreve em seu texto. Não seria abuso chamarmos, para lembrar Paulo Emílio, de situação neo-colonial o absoluto controle do cinema americano no país. Em economia, mesmo cinematográfica, não existem coincidências, e as mãos que dão as cartas só são invisíveis para bobos e alegres convivas do cassino. O diagnóstico se completa no conjunto de textos reunidos a partir do ciclo de debates promovido pela Sinopse em setembro, dentre os quais o de Inácio Araújo, que conclui suas reflexões com uma frase que tem a força e a precisão de um emblema da época: “a única tendência que consigo discernir, e talvez não seja propriamente estética, é do salve-se quem puder”.

Pessimismo no pensamento, otimismo na ação. Resistir e reconstruir é preciso. Se vivemos entre escombros, é preciso enxergá-los, que substituamos as imagens arruinadas do país pelas imagens do país em ruínas. Em todos os textos da revista repete-se a palavra de ordem básica: filmes baratos. Produção terra-a-terra (arrasada), de muitos e muitos filmes, que componham uma frente de trabalho cinematográfico, ultrapassando essa comédia de festas e black-tie dos últimos tempos.

A entrevista com Joel Pizzini serve de antídoto às facilidades do “cineminha” e mostra o grau de exigência a que se submete quem se propõe a realizar o que Pasolini chamava de “cinema de poesia” - título também da mostra de outubro no CINUSP, sob curadoria de Joel.

Em relação a situação nacional, Joel dá o testemunho de um cineasta que, na contra-mão do oportunismo, afirma um projeto estético. Um exemplo daquilo que Roberto Moreira e Rubens Machado vêm como caminho fértil: um cinema anti-burocrático, com projeto cultural. O próprio fato de um texto escrito a quatro mãos, por Roberto, que é roteirista e professor de roteiro, e Rubens, que é professor de teoria cinematográfica, já é sintoma de novos ventos culturais soprando sobre as ruínas.

A Sinopse entrega aos leitores esta segunda edição fazendo sua convocação feita por Roberto e Rubens: só “chegando junto” teremos chances de virar o jogo e realizarmos um cinema a altura dos desafios de nossos tristes tempos.

Os editores